

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA DO TRABALHO

DANIELLE DE SOUZA FRANCO

**Os contextos de trabalho e sua influência na intensificação do uso de  
drogas: um estudo de caso**

Belo Horizonte  
2011

DANIELLE DE SOUZA FRANCO

**As consequências do uso de drogas nos contextos de trabalho:  
um estudo de caso**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Especialista em Psicologia do Trabalho.

Orientadora: Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima

Belo Horizonte  
2010

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, razão da minha existência e fonte suprema de inspiração para que eu me torne um ser humano melhor.

A professora Maria Elizabeth Antunes Lima pela orientação criteriosa e disseminação dos seus conhecimentos que foram essenciais para a elaboração da monografia.

A Maria Andréia, que se tornou uma grande amiga, através do Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho e que me ensinou através dos seus atos, a generosidade e disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos sem ressalvas.

A comunidade Terapêutica Terra da Sobriedade, em especial a Carolina Couto da Mata e Nilton Ferreira Bittencourt Junior, que foram de fundamental importância para este estudo.

Dedico de uma forma carinhosa este trabalho a meus pais e irmãos. A minha mãe, pelo seu exemplo de determinação, fé e por todas as vezes que me levantou e me engrandeceu diante das dificuldades da vida. Ao meu pai por me ensinar o valor do trabalho e de buscar sempre um sentido e significado em tudo que fizemos. Aos meus irmãos pelo apoio e pela admiração que sentimos mutuamente e isso nos faz querer sempre avançar na vida!

À Marinele Franco de Carvalho, que me ajudou a descobrir minha paixão pelo ser humano e que através de seus ensinamentos e oportunidades concedidas, consegui direcionar minha carreira para a minha real motivação.

Sem trabalho eu não sou nada

Não tenho dignidade

Não sinto o meu valor

Não tenho identidade. (...)

Música de Trabalho

Legião Urbana

Composição: Renato Russo

## RESUMO

Franco, D. S. (2011). *As conseqüências do uso de drogas nos contextos de trabalho: um estudo de caso*. Monografia de Especialização, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A presente monografia tem por objetivo analisar possíveis relações entre dependência química e trabalho. Trata-se de um tema polêmico e que vem sendo objeto de discussões entre pesquisadores. A metodologia adotada foi o Método Biográfico, a partir da perspectiva de Louis Le Guillant (2006). O estudo permitiu explicitar a transição ente o uso funcional e o uso disfuncional das drogas, que ocorre quando o consumo aumenta a ponto de afetar o desempenho profissional. Os resultados permitem identificar diversos mediadores entre o exercício da profissão e o uso de drogas.

Palavras-chaves: Condições do Trabalho. Dependência química. Drogas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1.1 Questões metodológicas.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A HISTÓRIA DE JOSÉ.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 A história familiar.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 O casamento.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 A relação com álcool e drogas.....</b>	<b>19</b>
<b>2.4 A relação com o trabalho.....</b>	<b>21</b>
<b>2.5 O trabalho na BHTRANS.....</b>	<b>24</b>
<b>2.6 A relação entre as drogas e o trabalho.....</b>	<b>29</b>
<b>3 ANÁLISE DO CASO.....</b>	<b>32</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a centralidade do trabalho vem se acirrando, principalmente, na última década e tem em seu cerne a discussão sobre a permanência do trabalho como categoria fundamental para a construção da identidade e da sociabilidade.

Diversos teóricos como Albornoz (1986), Ciampa (1996), Jacques (1997) e Lima (2010), baseando-se na teoria marxista afirmam que o trabalho é a categoria fundante do ser social, sendo não apenas responsável pela sua sobrevivência, como o transformando, ao mesmo tempo, em que ele transforma o mundo. O trabalho é uma forma de inclusão do sujeito na sociedade, na medida em que o faz se sentir útil, produtivo, capaz, criando um sentimento de pertencimento a uma classe, ajudando-o a redefinir suas relações sociais e a construir sua identidade, enquanto um ser capaz de realizar algo útil.

O significado do trabalho foi e tem sido vivenciado pelo trabalhador de várias maneiras: sobrevivência, fadiga, castigo e dever. Esse significado depende da forma como ele se relaciona com o que faz. Por isso, o trabalho pode ser promotor da saúde ou do adoecimento.

Segundo Clot (2006), “o trabalho é uma atividade que requer (...) a capacidade de realizar coisas úteis, de estabelecer e manter engajamentos, de prever com outros e para outros, algo que não tem diretamente vínculo consigo.” (p.73)

Mas quando o sujeito não consegue manter engajamentos e desenvolver suas potencialidades no trabalho, surge o sofrimento psíquico, que pode levar até mesmo ao adoecimento. Nesse contexto, ou seja, no âmbito da relação entre saúde mental e trabalho surge uma discussão ainda mais polêmica em torno da relação entre o uso de drogas e o trabalho. As condições do trabalho podem ser consideradas como um dos fatores que intensificam o consumo do álcool e outras dependências químicas? Refletir sobre esta relação torna-se necessário, sobretudo, se considerarmos a carência de estudos em torno desse tema.

Sabemos que o trabalho ocupa um lugar central na vida de cada um e que a dependência química é um dos adoecimentos que atinge milhares de pessoas no Brasil e no mundo, sendo considerado como um problema de saúde pública. O uso de substâncias químicas pode se

tornar, inicialmente, uma ferramenta, para que o trabalhador suporte as exigências impostas pela sua atividade, mas posteriormente pode agravar o consumo e comprometer seriamente o seu desempenho profissional. Segundo Fontaine (1996) *citado por* Lima (2010):

(...) mais do que uma substância com propriedades psicotrópicas particulares, a droga nomeia uma forma de experiência, isto é, ela remete a um processo de familiarização com as regras que se convém respeitar para participar de um dado mundo social. E essa experiência varia segundo as circunstâncias: ela pode ser igualmente elaborada, calmante, dolorosa, não problemática, catastrófica, degradante, mortal, banal ou entediante. (p. 12)

No âmbito do trabalho, as organizações vêm despertando seu interesse para o desenvolvimento de estratégias e implantação de programas preventivos ao uso indevido do álcool e outras drogas, motivadas pelas consequências negativas que essas podem acarretar para a saúde do trabalhador e à sua produção.

A presente monografia pretende apresentar um estudo de caso, onde aspectos da organização do trabalho contribuíram de forma significativa para o uso de drogas para o trabalhador lidar com o seu sofrimento. Nas entrevistas tentamos resgatar a trajetória desse sujeito, enfatizando a relação trabalho e as drogas.

## **1.1 Questões Metodológicas**

Utilizamos para a elaboração deste estudo de caso, o Método Biográfico proposto por Le Guillant (2006). Este método consiste em compreender de forma articulada, a trajetória do sujeito, sua atividade laboral, o contexto social no qual está inserido visando explicitar suas formas de se conduzir para tentarmos atingir a compreensão mais completa possível de sua história.

A escolha deste método foi fundamentada na crença de que, para compreendermos como o sujeito se relaciona com o trabalho, é necessário analisar o significado e o sentido que atribui às atividades que executa, às pressões que recebe e sua forma de reação, à história familiar, além de entender suas condições social, econômica e cultural. Em acordo com Mota & Lima (2009):

Pretendemos, então, utilizar o método biográfico proposto por Le Guillant (2006), pois entendemos que este é o caminho que melhor nos atende em nossos objetivos, pois permite compreender os sujeitos a partir de suas trajetórias pessoais. Esse método consiste no resgate da história do paciente, visando explicitar suas formas de julgar e se conduzir para tentarmos atingir a compreensão do indivíduo. A explicação para o problema não se encontra nem nos dados da personalidade, nem no contexto social isoladamente, mas sempre nas formas pelas quais eles se articulam revelando uma trama que se traduz na trajetória de cada indivíduo. (p.4)

Foram realizadas quatro entrevistas em profundidade junto ao sujeito, com a duração aproximada de duas horas, cada uma. As entrevistas foram gravadas com seu consentimento e transcritas e analisadas. No relato, utilizamos sempre que possível as próprias palavras do sujeito, pois concordamos, com Le Guillant (2006), ao falar do caso de Marie L.:

Para descrevê-la, utilizei, propositalmente, na medida do possível, as próprias expressões da paciente, anotadas ao pé da letra. Esta linguagem popular, fruto de uma experiência individual e coletiva, direta e insubstituível, parece-me ser mais adequada do que outra descrição que viesse a ser feita do exterior ou em termos mais científicos suscetíveis de evocar a realidade, para tornar perceptíveis os aspectos sensíveis de situações que escapam sempre, em parte, àqueles que não as vivenciaram. Assim, em meu entender, tal linguagem é a forma mais adaptada a um estudo objetivo das condições de vida de nossas pacientes. (p. 332)

## *CAPÍTULO I*

### **2. A HISTÓRIA DE JOSÉ<sup>1</sup>**

O caso que será apresentado a seguir reúne alguns elementos que abrem espaço para a discussão da relação entre dependência química e trabalho.

Trata-se de um sujeito de 42 anos, casado, 02 filhos, pedagogo e funcionário público. Atua há dez anos como fiscal de trânsito na BHTRANS<sup>2</sup>, durante oito horas diárias. Em 2000, foi chamado para ingressar na empresa, entretanto, havia se passado mais de 02 anos que tinha realizado o concurso. Não estava com expectativas de ser convocado e já estava bastante motivado para cursar o mestrado na UFMG. Entretanto, nessa época tinha tido um filho e a esposa estava com receio de ser demitida, pois trabalhava no BEMGE e o Banco Itaú tinha acabado de comprá-lo.

Relata que foi uma decisão difícil, pois teve de renunciar a um projeto de vida em função da estabilidade de um emprego. As atividades que iria executar não tinham a ver com sua formação e nem com seus interesses.

José<sup>3</sup> relata inúmeras insatisfações com a organização e as condições do seu trabalho. Sentia-se frustrado por não poder colocar em prática seus conhecimentos e explorar seu potencial. Descreve situações de punições e nenhuma de reconhecimento e valorização do funcionário.

O que podemos verificar, neste caso, são situações de grande sofrimento psíquico e exposição prolongada a fatores geradores desse sofrimento impostos pelo trabalho, favorecendo o aumento no uso de substâncias químicas que foi se agravando até culminar na sua internação.

---

<sup>1</sup> Nome fictício

<sup>2</sup> A BHTRANS - EMPRESA DE TRANSPORTES E TRÂNSITO DE BELO HORIZONTE S/A é uma sociedade de economia mista municipal dependente e de capital fechado. Foi criada em 1991 pela Lei Municipal nº 5.953 é subsidiada pelo FTU – Fundo de Transportes Urbanos, instituída por lei e gerida pela Secretaria Municipal de Políticas Urbanas.

O tratamento de José foi realizado na Terra da Sobriedade<sup>4</sup>, através de uma equipe clínica multidisciplinar que utiliza a metodologia de Comunidade Terapêutica Familiar<sup>5</sup>, aberta e urbana, sem restrição da liberdade de ir e vir. Ficou internado durante o período de 06/02 a 31/07 do ano de 2009 e, desde que obteve alta, frequenta a Psicoterapia de Grupo para acompanhamento dos dependentes químicos que se trataram na Comunidade Terapêutica. Não faz uso de drogas e álcool, desde 2009.

## **2.1 A história familiar**

José nasceu em Belo Horizonte, em 1968 e é o quinto de uma família de seis filhos, sendo cinco homens e uma mulher. Seus pais eram funcionários públicos, o pai trabalhava na Polícia Civil e a mãe na Secretaria de Educação. Moraram em várias cidades do interior, pois os pais buscavam promoções no trabalho e, quando conseguiam, estas ocorriam em outras localidades.

Em 1972, mudaram-se para Sete Lagoas e, três anos depois, quando José estava com 07 anos, o pai faleceu. Sofreu um acidente de carro, foi levado ao hospital, retornando para casa onde permaneceu por quatro dias. No entanto, entrou em coma e descobriram que estava com um coágulo no cérebro, sendo necessário sofrer uma intervenção cirúrgica. Veio a falecer devido a um choque anafilático provocado pela anestesia geral. Relata que, quando o pai era vivo, a família reunida passeava bastante, iam para parques, praias e rios. O pai ganhava vários ingressos na polícia para passar fins de semana nos parques com a família. Adquiriu um lote na cidade de Guarapari, no Espírito Santo, indo anualmente para a praia. Após o seu falecimento, deixaram de sair.

---

<sup>4</sup> A Terra da Sobriedade é uma organização de sociedade civil de interesse público (OSCIP), constituída oficialmente em agosto de 2002, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Idealizada por um grupo de familiares e amigos de dependentes químicos, sensibilizados com a causa, trata-se de uma associação de promoção da vida e da sobriedade, através da prevenção do uso e abuso de drogas, e da recuperação e reinserção de dependentes químicos na sociedade.

<sup>5</sup> O planejamento terapêutico é individualizado e o período de tratamento na Comunidade Terapêutica é flexível, determinado segundo cada caso. Está fundamentada na Espiritualidade Católica Ecumênica, na Teoria Chamoneana de Terapia Ocupacional, na Teoria de Grupos e nos Programas de Alcoólicos e Narcóticos Anônimos. A participação da família é fundamental para o tratamento do (a) paciente e a equipe oferece a orientação dos familiares.

As informações que possuí do pai são a partir do que as outras pessoas contam, pois quase não se recorda dele. Relataram a ele que seu pai era uma pessoa boa, muito inteligente, aprendia com facilidade sem precisar esforçar muito e gostava de ajudar os outros. O pai tinha três irmãos e foi o único a cursar o ensino superior, estava no quarto ano de Direito quando faleceu.

Comentaram que o pai tinha muita sorte, pois não lhe faltava nada. A mãe contou-lhe que, às vezes, quando não tinha dinheiro, ele saía e encontrava na rua. A sorte era no sentido de sempre que precisasse de algo, conseguia com certa facilidade. Ele chegou a fazer um teste de vocação profissional e devido a sua inteligência, a recomendação é que fosse trabalhar na NASA, como engenheiro espacial. Na ocasião desse teste, foi aprovado em três ou quatro concursos.

José frequentou o jardim de infância, e diz que, nessa época, tinha uma autoestima elevada, se sentia parte do grupo e lutava pelo seu espaço. Relata um episódio de namoro no jardim, onde seus colegas começaram a zombar e ele não se sentiu intimidado pela situação. Assumiu o namoro perante todos.

No primeiro ano, mantinha um ótimo relacionamento com os colegas, recordando-se ainda deles e conseguindo identificá-los até hoje. Foi alfabetizado com facilidade, lembra do primeiro livro que fez o ditado, “A Grande Árvore”, errando apenas o nome do personagem principal, pois confundiu com o próprio nome. Nessa época, era excelente aluno, sua menor nota foi 89.

Às vezes, a mãe recebia bilhetes dos professores reclamando que ele não conseguia ficar quieto e nem atento. Acredita que sofria da hiperatividade, pois seu filho é hiperativo e, lendo sobre o assunto, recordou que seus comportamentos coincidiam com os que levam ao diagnóstico da doença. Entretanto, nessa época, em 1975, não existia muitas informações e nem recursos para investigar o problema.

A partir do segundo ano, a situação mudou, ele teve queda no desempenho escolar, que foi caindo até que, no quarto ano, já estava frequentando aulas de reforço. Devido à morte do pai, mudaram de casa e teve que estudar em outro colégio, que era maior e ficava no centro da

cidade. A escola tinha muitos alunos de diferentes classes sociais. Existia disputa entre eles e muitas brigas e, com isso, as repressões por parte da diretoria eram constantes.

José acredita que seu baixo desempenho escolar tenha relação com a morte do seu pai, embora relate que, quando recebeu a notícia do seu falecimento, não teve nenhuma reação emocional. Não chorou e não conseguia entender o que tinha acontecido, mesmo diante da mobilização das pessoas. O que recorda dessa época foi um único sonho que teve com o pai retornando para casa. José descreve a forma que encontrou para lidar com seus sentimentos:

*“A sensação que tenho é que sempre vivi anestesiado emocionalmente, desde criança não sentia as coisas, não me importava. Tenho dúvidas se isso não é uma força emocional. Todos os fatos que aconteceram me retalharam o coração como uma colcha que fica velha, desgastada e puída e se rasga facilmente.”* (Entrevista, 2010)

Aos poucos, José começou a se sentir excluído na escola e explica que esse sentimento surgiu pelo fato de começar a perceber a maldade, a inveja e a injustiça. Conta que houve um concurso de desenho no colégio, promovido por uma escola especializada e a melhor árvore desenhada seria premiada. Ficou entusiasmado e desenhou com riqueza de detalhes, porém, o colega que sentava ao lado copiou o seu desenho, conseguiu ser premiado, além de mentir dizendo que José havia copiado seu desenho. Mesmo tentando expor os fatos verdadeiros, nenhuma medida foi tomada. Acredita que é pelo fato de o colega pertencer a uma família tradicional de Sete Lagoas e seu pai ser professor de um colégio particular.

A mãe ficou distante após a morte do pai, não fazia cobranças e nem acompanhava os filhos. A única exigência é que fossem aprovados na escola. Ele e os irmãos ficavam sozinhos em casa e passavam o dia na rua. Tinham liberdade para ir para a mata na Serra Santa Helena<sup>6</sup> com os colegas, mas ele sentia a ausência da mãe:

*“O relacionamento com minha mãe depois da morte do meu pai ficou muito distante, pois ela trabalhava fora e ficávamos sozinhos em casa. Tanto que tinha a ideia de ter perdido meu pai e minha mãe juntos. Ela estava ali, mas não tinha tempo para estar presente. Tem um lado bom que eu aprendi a cozinhar, cuidar de casa desde pequeno.”* (Entrevista, 2010)

---

<sup>6</sup> A Serra de Santa Helena, localizada a noroeste da cidade de Sete Lagoas, a 7 km do centro, é o ponto de maior altitude da cidade.

Os irmãos assumiram o processo educacional de José e a relação entre eles era pautada pelas brigas, com exceção da irmã que mantinha uma postura neutra, sem interferências. Ele conta que:

*“O relacionamento foi muito difícil, com muitas brigas, competição muito acirrada. Na infância eles cismaram que tinham que assumir a minha paternidade. Se eu e o mais novo brigássemos e eu tivesse ganhando a briga eles falavam que eu não podia bater nele porque era o mais novo. Se eu tivesse perdendo, eles falavam que eu não podia apanhar, pois era mais velho e tinha que reagir. Sempre eu tava levando a pior nessa situação. Era como se eu fosse o filho do meio.”* (Entrevista, 2010)

Ele descreve a mãe como uma pessoa que possui poucas habilidades para controlar suas emoções, explodindo algumas vezes e tendo dificuldades em administrar conflitos. Prefere negá-los, mascarando os problemas para não ter que enfrentá-los, principalmente, o da dependência química de seus filhos. Segundo ele:

*“De um modo geral ela é pavio curto, explosiva. Ao mesmo tempo é extremamente co-dependente, aquela que sofre se não der conta de dar algo para o filho. Fica sempre apaziguando e, ao mesmo tempo, esconde os problemas. Ela sabia que meus irmãos tinham problemas com drogas e eu fui o único que contei, então, eu passei a ser o problema, se eu tivesse mascarado, não teria problema.*

*É muito dependente emocionalmente, tenta controlar daqui, de lá, foge da negociação, do confronto. Enquanto eu estiver fazendo o que ela quer e ela faz o que eu quero, não existem problemas. Ela define como um amor muito grande, e eu vejo assim também, não é só controle, ela deixa a gente fazer nossas escolhas. É mais por uma questão de não saber lidar com os problemas, do que vontade de controlar.”* (Entrevista, 2010)

Quando estava com nove anos de idade a mãe se casou novamente e teve mais uma filha. Antes, conversou com os filhos sobre a decisão de casar-se e ele diz que foi tranquilo, pois já conheciam o futuro padrasto havia algum tempo.

No entanto, o relacionamento da mãe com o padrasto sempre foi conturbado, com vários conflitos, brigas. Ele estava sempre alcoolizado em casa e carregava um revólver na cintura. O padrasto era Agente Fiscal de Rendas, mas gastava seu dinheiro com bebidas. Com isso, a situação financeira começou a ficar comprometida, pois a pensão deixada pelo pai era de um salário mínimo.

Nessa época, começou a frequentar a igreja, junto com o irmão mais novo. Inicialmente, foi para acompanhar os colegas da rua, que, aos domingos, iam à “*matinê*” e depois à missa.

Entretanto, começou a acreditar fortemente nos ensinamentos do padre sobre os princípios católicos, ingressando no grupo de jovens onde ficou até os dezesseis anos. Colaborava e participava ativamente dos encontros de finais de semana, seminários, palestras.

José relata que em Sete Lagoas, as pessoas eram valorizadas se pertencessem a famílias tradicionais e de posses. Ao conhecerem novas pessoas, era costume dizer o nome e o sobrenome, sendo que este último, tinha um peso maior. Na igreja não era diferente, portanto, começou a se sentir excluído e desvalorizado, pois não vinha de uma família tradicional. Mesmo tendo atividades sob sua responsabilidade no grupo de jovens, sentia que seu trabalho não era reconhecido. As pessoas referiam a ele como “Zezinho” e se sentia desvalorizado, como se estivessem falando de alguém que serve apenas para ajudar. Percebia que o apelido era mais motivo de zombaria do que de carinho, mas suportou porque queria fazer parte do grupo. Aos poucos, foi se desviando da igreja até o rompimento completo.

Na adolescência, a relação com os irmãos começou a ser baseada na bebida. José diz que eram “irmãos para beber” e, se não tivesse a bebida, os conflitos apareciam e brigavam. Ele relata que, através da psicoterapia, descobriu que sofria do transtorno de co-dependência, que resume como uma dependência emocional, uma sujeição ao outro, no caso os irmãos, e que foi esse um dos fatores que o levava a beber. Ou seja, ele desejava se inserir no grupo dos irmãos.

O relacionamento entre eles, atualmente, é muito distante e nas raras vezes em que se encontram não conseguem conversar por falta de assunto. Encontra-se apenas com a irmã e com o mais novo que mora com sua mãe. Visita a mãe regularmente e relata que o irmão mais novo está sempre negociando para levar vantagem. Percebe que quando o irmão precisa de algo, ele cumprimenta, conversa, caso contrário, fica arredio.

José concluiu o segundo grau, tornando-se técnico em contabilidade. Pretendia também fazer o segundo grau científico, mas não deu continuidade aos estudos, porque, em Sete Lagoas, participava de um time de futebol e, além disso, entrou para o exército.

Na ocasião em que foi tentar o vestibular, relata que estava envolvido com questões místicas, com o fim do milênio, a era de aquário, época em que o filme “*The Day After*” estava sendo muito comentado. Tinha interesse por mapa astral, horóscopo chinês, extraterrestres,

inclusive, participava de grupos de discussão, que, na época, ocorriam em função da mídia ter mostrado possíveis casos na cidade de Baldim, próximo a Sete Lagoas. Aliado ao gosto por biologia, ecologia e natureza optou por fazer o curso de Oceanografia. Foi aprovado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1991.

No entanto, interrompeu o curso quando estava na metade do 2º período, devido à dificuldade em encontrar moradia já que houve aumento da especulação imobiliária no Plano Collor. Nessa ocasião, tinha conseguido alugar a sala de um apartamento, dormia no sofá e deixava seus pertences debaixo do móvel. Relata que a situação tornou-se insustentável, não conseguia dormir e nem se alimentar adequadamente.

Ao voltar para Belo Horizonte, em 1992, fez vestibular novamente e foi aprovado em duas universidades, PUC e FUMEC, para o curso de Psicologia. Escolheu este curso porque queria entender a mente humana, tinha afinidades com questões místicas e teve contato com um professor de Física no pré-vestibular que tinha paranormalidade. Tudo isso chamou sua atenção, levando-o a se interessar pela área.

Ele optou por estudar na FUMEC, pois a mensalidade inicial era de meio salário mínimo. Entretanto, a escola iniciou obras de expansão no seu prédio e foi aumentando a mensalidade. José não aceitou o aumento e mobilizou os colegas. Na época, como não havia Diretório Acadêmico, reuniu alguns colegas e foram conversar com o diretor sobre o aumento, sendo que este respondeu que precisava de dinheiro para construir o prédio. José argumentou, dizendo que precisavam fazer uma previsão e não seria justo, os alunos arcarem com essas despesas financeiras. O diretor o chamou individualmente para conversar e perguntou se ele não queria ser monitor, pois não pagaria mensalidade. Nessa ocasião, o pré-requisito para ser monitor era que o aluno estivesse cursando a partir do terceiro período e José estava no primeiro, mas o diretor disse que daria um jeito caso fosse aprovado na prova. Ele foi aprovado e ficou até o 4º período sem pagar mensalidade.

José foi um bom aluno e até o 5º período não foi reprovado. Entretanto, começou a se decepcionar com o curso, pois a grade curricular era na sua maior parte, composta por disciplinas da psicanálise e ele preferia estudar a abordagem transpessoal<sup>7</sup>. Ele relata que

---

7. A psicologia transpessoal tem entre seus objetos de trabalho e pesquisa os estados não ordinários de consciência que abrangem das experiências com alucinógenos (Grof, Huxley) aos estados místicos das tradições

mesmo sem afinidades com as disciplinas, conseguiu aprender e, até hoje, possui bons conhecimentos em psicanálise.

Diante da desmotivação com o curso de Psicologia e da necessidade de regularizar sua moradia, pois, morava com o irmão no Borges da Costa e não era aluno da UFMG, José decidiu fazer vestibular para Pedagogia na UFMG, pois era menos concorrido. Em 1993, foi aprovado e, durante um tempo, tentou conciliar os dois cursos, mas acabou sendo reprovado, pela primeira vez, nas matérias da Psicologia e saiu da FUMEC. Continuou no curso de Pedagogia na UFMG e, ao mesmo tempo, cursava disciplinas isoladas na Psicologia, por que pretendia pedir reopção de curso, mas acabou desistindo.

Na UFMG, ingressou no movimento estudantil, fez parte do Diretório Central dos Estudantes, foi presidente do Diretório Acadêmico da FAE e foi conselheiro da FUMP. Nessa época, intensificou o uso de drogas, pois estava focado em festas e eventos. Devido a isso, acabou sendo reprovado nas disciplinas da Pedagogia e a bolsa de manutenção que possuía foi cortada.

## **2.2 O casamento**

José conheceu sua esposa, em 1996, no Bar do Lulu, localizado no bairro Santo Antônio em Belo Horizonte, conhecido pelos seus frequentadores que eram na sua maioria intelectuais e pessoas engajadas em movimentos políticos.

Ele convidou um amigo para ir a esse bar, porque não queria utilizar cocaína, já que sua vizinha estava com dez gramas de cocaína e queria consumi-la no seu apartamento. Deixou a vizinha no seu apartamento e resolveu sair. Diz que já havia experimentado e não tinha interesse nos efeitos que a droga proporcionava. Nessa época, era usuário de álcool e maconha. Ele deixa claro que não tinha vontade de usar cocaína e inicia o relato dizendo que conheceu sua esposa quando estava “fugindo” dessa droga.

---

religiosas mundiais. Abrange o ego, como as demais escolas de psicologia, e os estados além do ego (transpessoal). No Brasil, a psicoterapia transpessoal encontrou ressonância com a tradição espírita, e os fenômenos mediúnicos passaram a ser estudados no contexto dos estados alterados de consciência.

Na época, aquela que viria a ser sua esposa, havia terminado há 15 dias um relacionamento de 04 anos e estava morando em uma república. Entre seis e sete meses de namoro, resolveram morar juntos no Borges da Costa. Foi à casa dos pais dela e foi muito bem recebido. Ficaram muito felizes, pois, a filha estava namorando um universitário. Havia dois anos que ela não se relacionava com seus pais, devido ao fato de reprovarem o seu relacionamento anterior. Após dois anos de namoro, em 1998, resolveram se casar e, uma semana depois, ela descobriu que estava grávida. José diz ter dúvidas se ela já sabia que estava grávida antes de decidirem se casar e não contou para ele.

A relação conjugal foi baseada nas drogas, tanto lícitas quanto ilícitas. Quando se conheceram, ela afirmou não ser usuária de drogas, porém ele não sabe se é verdade. Ela utilizava álcool, maconha e cocaína. Ele conta que ela é muito fechada, tem muitos segredos e compartilha pouco seu passado.

Com o tempo, a dependência química de ambos passou a ser um fator de concessões no casamento. Ele era mais dependente do álcool e ela da cocaína, então, quando ele queria exagerar na bebida, comprava cocaína para ela. Assim, não havia brigas e nem repreensões.

O relacionamento foi se desgastando e ele foi percebendo-a como uma pessoa egoísta, competitiva. Se ele fazia algo, ela queria fazer também, para mostrar poder. Diz que não conseguiam cooperar um com o outro.

Em 2008, se separaram, pois ela estava utilizando cocaína de forma descontrolada e foi um momento em que ele precisava de ajuda para estudar para o mestrado e não teve seu apoio. Havia muitas brigas, ela impunha regras e não negociava. Às sextas-feiras, ele chegava do trabalho e encontrava o seu cunhado e sua esposa utilizando cocaína e ela exigia que José comprasse cervejas. Ele tinha aulas aos sábados e não queria usar drogas e nem gostava que eles ficassem consumindo dentro de casa, pois queria tranquilidade.

Durante o período da separação, ele passava os fins de semana com os filhos, e quando a esposa ia buscá-los percebia que estava bêbada e sem dormir. Brigavam bastante, pois não queria deixar que ela ficasse com as crianças. Conversou com os pais dela e eles não sabiam que a filha era dependente química, pensavam que era somente o filho.

Decidiram se reconciliar em maio de 2010, pois, ele percebeu sua responsabilidade com a criação dos filhos e começou a se sentir culpado. Preocupou-se com a esposa que estava se prejudicando cada vez mais através do uso das drogas, mas admite também que existe amor entre eles.

Ela parou de usar drogas, mas se recusa a fazer tratamento, acreditando estar bem, o que gera insegurança em José. Ela participa de algumas reuniões da Terra da Sobriedade e acha que é o suficiente para curar a dependência química. Tem entre 3 e 4 meses que não faz uso de maconha e cocaína. Entretanto, em algumas ocasiões ingere bebidas alcoólicas. José diz não se importar, pois sabe que o problema maior é a dependência pela cocaína. Recentemente tiveram uma discussão muito grande e ele percebeu, que ela está repetindo comportamentos do passado. Provoca brigas, esperando conseguir que ele compre as drogas para ela, como acontecia anteriormente.

Atualmente, ele tem tentado parar de competir, dizendo a ela que vai seguir um caminho, não quer mais brigar e se ela não o acompanhar ficará para trás. Acha que de certa forma tem conseguido mobilizá-la.

Têm dois filhos, que possuem dez anos e cinco anos aos quais ele tem procurado dar atenção, ser presente, coerente, verdadeiro. Acha que o filho mais velho tem noção que os pais foram usuários de drogas, mas é bem fechado, tem problemas de autoestima, déficit de atenção, hiperatividade e faz uso de Ritalina<sup>8</sup>. Não aceita que o filho precise de medicamento, inclusive, já escondeu o remédio e isso foi motivo de discussão com sua esposa. A filha sofria bastante e o perguntava quando a família iria voltar a viverem juntos novamente. Hoje, percebe que ela está adaptada e tranquila.

### **2.3A relação com álcool e drogas**

---

<sup>8</sup> A Ritalina é um medicamento, composto pelo metilfenidato, um estimulante do grupo dos anfetamínicos. Suas principais indicações são para o tratamento do déficit de atenção com hiperatividade em crianças e depressão no idoso.

José recorda que quando criança, seu pai o levava para o bar e deixava que ele bebesse o restante da cachaça do copo. Após sua morte, sua mãe casou-se novamente e seu padrasto era alcoólatra. No café da manhã, ele preparava uma bebida feita com conhaque de alcatrão, leite e canela e dava para José e os irmãos beberem. A mãe sabia, mas não falava nada, pois também gostava de ingerir bebidas alcoólicas.

No seu aniversário de nove anos, o padrasto o levou a um bar e deixou que escolhesse sua bebida. Pediu vinho e o padrasto permitiu que tomasse dois copos. Foi a primeira vez que ficou embriagado.

Nessa ocasião, começou a utilizar inalantes. Havia uma sapataria do lado da sua casa e as latas de colas eram depositadas em um lote vago, onde os colegas da rua iam inalar o restante do produto e ele os acompanhava. Relata que fazer parte do grupo era sua principal fonte de motivação mais do que os efeitos que a droga proporcionava.

*“Descobri na infância que, para fazer parte de um grupo, temos que pagar um preço. Muitas vezes, eu fiz coisas proibidas, como roubar em lojas ou **cheirar cola de sapateiro para ser considerado legal, ter coragem e fazer parte do grupo de pessoas que são independentes.**”* (Entrevista, 2010)

Aos 14 anos, José, cursava o segundo grau e estudava à noite, porque era a única opção que tinha na escola pública. Foi quando começou a fazer uso frequente do álcool. Bebeu diversas vezes dentro de sala de aula, junto com seu grupo de amigos:

*“Nessa época, tinha muito disso: se você não bebesse e não fumasse, você não fazia parte da turma, apesar de que eu não fumava. O álcool me desinibia e clareava as ideias. **Eu pensava que o superego era diluído em álcool, porque todas as minhas repressões e meus medos sumiam.**”* (Entrevista, 2010)

José tinha preconceito com os usuários de maconha, achava que eram pessoas irresponsáveis e desocupadas. Entretanto, começou a fazer teatro e conheceu pessoas que fumavam maconha. Aos 17 anos, foi para um sítio com os seus colegas de teatro e experimentou maconha, dizendo não ter percebido alterações significativas no seu comportamento. Porém, da segunda vez que utilizou, ficou surpreso com o aumento da autoestima, autoconfiança e da coragem para se expressar sem se preocupar com que os outros iriam pensar.

Começou a fumar antes de ir para as aulas, pois conseguia expor seus pontos de vista e a professora ficava surpresa com sua capacidade de análise. Foi a primeira vez, desde a 5ª série que não ficou em recuperação. José estabeleceu uma relação entre as drogas e o momento político que o Brasil estava vivendo, configurado pela volta da democracia:

*O contexto era propício. Em plena reta final do governo militar, "o cara" era aquele que ultrapassava limites, desafiava a ordem. Beber era básico, apesar de achar que fumar era brega, mas tinha que queimar o mato certo. Não havia como 'viver aparecendo' sem estes adjetivos. Não acreditava que existia vida fora disto. Quando comecei a fumar maconha foi o ano em que passei direto sem precisar ser coitadinho que tem que fazer recuperação no final do ano. Fiquei mais inteligente e mais questionador. Era 'o cara'. Na nova república (pós militar) encontrei minha identidade, substituindo em parte o coitadinho pelo revoltado e rebelde com aquele mundo que não tinha sido eu que tinha feito e que mudava. Tudo pode no novo governo democrático. (Entrevista, 2010)*

Nessa época, José, começou a utilizar cocaína à qual foi apresentado por uma colega de Sete Lagoas que foi morar com ele no Borges da Costa. Mais uma vez, diz ter experimentado para não ficar fora do grupo de amigos. Enquanto o álcool provocava um efeito sedativo no seu organismo, a cocaína produzia euforia. Por esse motivo, a cocaína dava-lhe a sensação de cortar o efeito da embriaguez provocado pelo álcool. Utilizava-a quase sempre, com essa finalidade.

#### **2.4 A relação com o trabalho**

A mãe de José não queria que os filhos trabalhassem. Seu direcionamento foi para que os filhos priorizassem os estudos. Quando ele concluiu o segundo grau, quis fazer o concurso para a CEMIG, mas a mãe não permitiu. Ele começou, então, a trabalhar por iniciativa própria. Aos 12 anos, trabalhou em barracas do parque de diversão e, aos 15 anos, ingressou em um jornal, onde dobrava e encadernava os jornais, duas vezes por semana à noite.

Aos 18 anos, foi convocado pelo Exército e, após passar pelo período de internato, foi designado para a função de Ordenança do Comandante. O período de internação visa adaptar o convocado às normas e procedimentos da vida militar.

José diz que a função de um ordenança era semelhante à de um secretário. Ficava servindo o Comandante em serviços burocráticos. Não gostava, pois achava que as atividades estavam

alguém de suas capacidades e do seu desejo de crescimento. Questionou o motivo pelo qual estava ali e disseram que dos 415 recrutados, ele tinha o coeficiente de inteligência (QI) maior.

No exército, uma das maneiras para ser promovido a cabo é fazendo o curso e ser bem classificado. A promoção depende da colocação do candidato e da quantidade de vagas disponíveis. Como José, tinha o desejo de seguir carreira militar e não gostava da função que estava exercendo, decidiu fazer o curso para cabo sendo aprovado em 4º lugar.

Os dez primeiros colocados iriam ser promovidos a cabo, entretanto, foi criado um critério comportamental e deram a ele 0,5. Assim, no montante final sua nota que era de 9,4 passou a ser 5 no total de 10 pontos. Ele relata que não queriam que tornasse cabo, por ser ordenança do comandante, que era considerado um cargo de destaque. Conta que as pessoas sentiam inveja e despeito dele, por estar ocupando essa função. O comandante percebeu que sofreu injustiça no curso e prometeu-lhe que, assim que surgisse outra vaga, o colocaria como cabo. Porém, ele acabou saindo do quartel e José pensou que não teria mais oportunidades. Decepcionado com a situação, embora quisesse seguir carreira militar, resolveu sair.

Quando cursava Pedagogia, em 1993, José conseguiu uma bolsa de trabalho pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), para atuar na Secretaria de Educação no setor de compras. Diz não saber porque o colocaram nesse setor, já que cursava Pedagogia. Acredita que talvez seja porque se formou no curso técnico de contabilidade. Estava insatisfeito com o valor da bolsa e não recebia vale-transporte. O valor da bolsa era quase todo gasto com transporte. No final do ano teve um encontro de confraternização, onde estava presente o Secretário de Educação da época, Walfrido Mares Guia e que deixou o microfone aberto para quem quisesse falar. José diz ter aproveitado a oportunidade e expôs em público sua insatisfação com o valor da bolsa e a falta de benefícios.

O Secretário de Educação pediu que anotassem seu nome e, na semana posterior ao evento, foi contratado pela MGS - Minas Gerais Administração e Serviços S.A<sup>9</sup>, passando a fazer parte do quadro de efetivos da Secretaria de Educação, na função de Auxiliar de Serviços Gerais. Passou a ser responsável pela compra de materiais de escritório, informática de toda a

---

<sup>9</sup> MGS - Minas Gerais Administração e Serviços S.A é uma sociedade anônima de capital fechado 100% pública, vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão, possuindo mais de 50 anos de experiência no mercado e todas as condições legais para ser contratada com dispensa de licitação.

secretaria. Entretanto, nessa época já estava fazendo muito uso de drogas, principalmente, a maconha e o álcool. Após três meses, decidiu sair, pois não queria ficar 08 horas no trabalho, queria ter tempo livre, inclusive, para consumir drogas.

Em 1995, conseguiu outra bolsa para trabalhar 04 horas no Museu de História Natural da UFMG, sendo um dos responsáveis por apresentar o local aos visitantes. Gostava desse trabalho porque gerava conhecimentos sobre história, arte, natureza. A ajuda de custo que recebia era um valor muito pequeno e não recebia vale transporte. Nessa época, estava participando do movimento estudantil, festas na universidade e consumindo drogas com frequência. Não tinha maiores preocupações com o trabalho e, depois de sete meses, como não tinha controle de ponto, faltava pelo menos uma vez por semana.

Em 1998, fez o concurso da BHTRANS, e resolveu pedir demissão do museu assim que foi aprovado. Diz não ter preocupado se seria chamado, pois já morava com a namorada e ela trabalhava no BEMGE, o que garantia seu sustento financeiro.

No último período do curso de Pedagogia, em 1999, foi realizar estágio obrigatório em uma escola infantil em Belo Horizonte e foi contratado. A falta de benefícios e a desorganização da gestão da escola, fez com que ficasse desmotivado, comprometendo sua situação financeira. Não recebia vale transporte e o salário estava sempre atrasado. Conversou com a esposa, que permanecia trabalhando no banco e decidiram que iria demitir-se do emprego e ingressar no mestrado, já que tinha esse desejo.

Começou, então, a cursar disciplinas isoladas do mestrado na UFMG e trabalhou como voluntário, no laboratório de produção de material didático para formação de professores indígenas. Estava bastante empolgado com ideia de ingressar no mestrado, aguardando ansiosamente a data da prova de seleção. Inclusive havia cursado a disciplina Antropologia da Educação e ficado muito interessado, pretendendo desenvolver seu projeto de mestrado nessa área.

Após sete meses, foi chamado pela BHTRANS e ficou em dúvida, pois o concurso já tinha sido realizado havia 02 anos, não tinha expectativa de ser convocado e estava focado no mestrado. Entretanto, tinha tido um filho e, como houve a aquisição do Banco BEMGE pelo Itaú, sua esposa estava com receio de ser demitida. Ficou inseguro com a situação financeira,

pois sua responsabilidade com relação à família havia aumentado com a chegada do filho. Conversou com o irmão que o aconselhou a garantir o emprego e decidiu trabalhar na BHTRANS. Teve que adiar o plano de cursar o mestrado, mas pensando poder retomar esse objetivo no futuro. Considera que tomou a decisão acertada, pois iniciou suas atividades profissionais no dia 1/08/2000 e no dia 15/08/2000 sua esposa foi demitida.

## 2.5 O trabalho na BHTRANS

Em 2000, José foi chamado para trabalhar na BHTRANS, ocupando o cargo de Fiscal de Transporte e Trânsito<sup>10</sup>. Nos 10 anos de experiência nessa empresa diz que realizou as atividades de fiscalização de transporte escolar, táxi, ônibus e do trânsito, em geral. No caso de veículos, verifica suas condições, tratamento do condutor com o público, registro do veículo junto à prefeitura, habilitação do motorista, dentre outros. Quando está no trânsito, é responsável por evitar retenções e intervém, quando necessário, em acidentes, obras e qualquer evento que prejudique a circulação de veículos e pedestres.

Relata que atualmente como a BHTRANS está impedida de multar<sup>11</sup>, e que os fiscais ficam, durante a maior parte do tempo, responsáveis pelas vistorias de veículo, em especial fiscalização de táxi. A maioria dos seus colegas, não gosta de fazer vistorias, mas ele faz para não ficar ocioso. As outras atividades, segundo ele informa, consistem em: Operação Presença onde coíbe o fechamento de cruzamentos; Operação Varredura que consiste em monitorar os principais corredores de trânsito desobstruindo as vias; Operação POT - Posto de Observação

---

<sup>10</sup> De acordo com o edital do concurso suas atividades estão assim descritas: fiscalizar e operar o sistema de Transporte e Trânsito de acordo com os procedimentos e legislação em vigor, orientando motoristas e usuários, realizando vistorias, efetivando intervenções diretas em caso de acidentes, retenções, obras e eventos, adotando atitudes compatíveis com as necessidades do momento, contribuindo para disciplinar a utilização do sistema viário urbano.

<sup>11</sup> O STJ concluiu que a BHTRANS não pode fiscalizar o trânsito por ser uma sociedade de economia mista – 98% das ações pertencem à prefeitura, 1% à Superintendência de Desenvolvimento da Capital (Sudacap) e 1% à Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte (Prodabel). Pela lei, entidade dessa natureza visa lucro, atividade incompatível com o poder de multar. O STJ entendeu ainda que a BHTRANS não pode processar autuações de trânsito, serviço que deve ser feito por órgão competente. Em julgamento, a Guarda Municipal de Belo Horizonte obteve permissão do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) para multar, de acordo com a assessoria do TJMG.

de Trânsito que fica no último andar do edifício JK, onde observa a situação de trânsito e repassa através do rádio para as equipes em campo e atendimento de registros de ocorrência, que são reclamações de usuários sobre situações de infração, na maioria das vezes, veículos estacionados em porta de garagem.

Ao descrever sua rotina, ele conta que às 14:15h inicia suas atividades e, ao chegar à empresa, recebe os avisos, informativos e instruções. Nesse momento, verifica as solicitações em escrito do público em geral, por exemplo, queixa de carros estacionados em garagem de residências. A orientação que recebe, nesses casos, é de ir ao local diariamente durante quinze dias. Em seguida, desloca para outro prédio para buscar os equipamentos, tais como veículo e rádio e vai para a fiscalização de táxi, onde verifica as condições dos veículos, como o motorista trata os passageiros, se possuem registro na prefeitura, dentre outros. Às 17:00h, há uma pausa para o lanche e, em seguida, fica presente nos cruzamentos, a fim de evitar fechamentos e transtornos no trânsito. O intervalo para o jantar ocorre de 20:00h às 21:00h e, na sequência, realiza o atendimento aos chamados da população, que liga para a central e esta comunica com os fiscais. Às 22:00h, geralmente faz relatórios demandados pelo seu chefe e encerra suas atividades às 23:15h.

A estrutura da sua área é composta por um gerente, dois supervisores (um do turno da manhã e outro da tarde) e quatro coordenadores que respondem por quatro equipes. As equipes fazem rodízio semanalmente para atenderem à região metropolitana, que foi dividida por quatro quadrantes: Quadrante 1 - Região do Barreiro, Quadrante 2 - Região Hipercentro, Quadrante 3 - Região Hospitalar, Quadrante 4 - Região da Savassi.

Durante o período, houveram mudanças de horários e ele trabalhou de 09:00h as 18:00h, depois de 06:00h às 15:00h e há cinco anos está no horário de 14:15h às 23:15h. Diz que essas mudanças de horário não interferiram no seu rendimento e nem na sua qualidade de vida.

José trabalhou em três regionais. No início, ficou em operações especiais, como sobrevôo aéreo para verificar o trânsito, blitz, postos de radar, depois foi coibir a ação dos perueiros e, atualmente, faz parte da regional da área central. Existem procedimentos e orientações para a execução do trabalho e, segundo ele, não há dificuldades em seguir as normas e regras, sendo que o maior problema que enfrenta refere-se ao relacionamento interno à empresa, conforme exporemos a seguir:

No primeiro ano, os fiscais passam por um período de avaliação e precisam fazer pelo menos um Projeto Operacional com objetivo de verificar irregularidades no trânsito e propor melhorias. José pretendia propor uma mudança de mão de direção e contou para um colega de trabalho. O colega não aprovou sua ideia no momento, dizendo de forma enfática que daria muito trabalho. Resolveu, então, procurar outro projeto. Entretanto, três meses depois verificou que a mão de direção do local havia sido mudada. Procurou explicações e foi surpreendido ao saber que o colega havia proposto o projeto. Sentiu-se traído, conforme ele mesmo diz: *“a mesma pessoa que eu tinha falado pegou minha idéia, e fez o projeto”*. (Entrevista, 2010)

José relata também ter atritos com o seu supervisor por achar que ele o vigia e tenta exercer controle quanto ao cumprimento das tarefas. Diz que o supervisor, em algumas ocasiões, se esconde para descobrir se algum fiscal não está no local. Em outra situação, reclamou com seu colega de trabalho o **atraso de um minuto** para o início do horário de trabalho. Ele não concorda com esse estilo de liderar, afirmando criar um clima de trabalho muito ruim: *“Ficava me seguindo toda hora. Mudaram o nome do cargo de técnico para coordenador, mas eu falo que não é coordenador, é capitão do mato. Fica só vigiando o que a gente está fazendo”*. (Entrevista, 2010)

O ingresso no quadro efetivo da empresa depende da aprovação em concurso público, não sendo exigida experiência profissional na área de atuação e nem habilidades comportamentais. Sendo assim, alguns profissionais assumem as posições de liderança sem terem desenvolvido as competências para assumir grupos e lidar com as diferenças individuais. Outro fator, é que a avaliação de desempenho tem um papel muito importante na evolução da carreira, pois norteia e subsidia as movimentações, transferências e substituições de empregados.

José expõe suas queixas com relação ao seu supervisor, que não compreende as necessidades dos subordinados e também com relação às promoções que são baseadas nas afinidades pessoais. Os sentimentos de injustiça, desamparo, exclusão vivenciados, desde a infância, vêm à tona na medida em que a cultura da empresa não abre espaço para o reconhecimento, valorização, incentivo e alinhamento das expectativas:

*Alguns supervisores, eram caminhoneiros, fizeram o concurso e foram aprovados. Foram promovidos através da avaliação de desempenho que é baseada na “puxação de saco”. A gente o chama de supervisor do não. Tudo que você o solicita, ele diz não! Falei para a assistente social, que um programa de MSDOS, substitui ele com mais perfeição. Porque já vem com as diretrizes faça isso, se não der certo, faça aquilo. Aquele tipo de pessoa que acha que se abrir uma exceção para você, vai ter que abrir para todo mundo. **Não querem avaliar nossos problemas. A empresa é assim e pronto. Eles querem é salvar o salário e o emprego.** (Entrevista, 2010)*

Ele ilustra isso, relatando que em uma avaliação de desempenho, sua pontuação no quesito assiduidade foi dois em um total de quatro pontos. O coordenador havia passado um dia no seu posto de trabalho e não o viu, justificando assim sua nota. Entretanto, no dia da *reunião de feedback*, na presença de uma profissional do RH, não soube informar o dia, o horário e nem o motivo pelo qual não o chamou pelo rádio. Decepcionado, José conta que, mesmo tentando argumentar que a avaliação não estava sendo feita de forma justa, ninguém lhe escutou e foi obrigado a aceitar a nota:

*Quer dizer que você está me avaliando o ano todo por um dia e um horário que você passou e não me viu e não consegue se lembrar. Porque você não me chamou no rádio? Ele (supervisor) disse: eu vi que você não estava, para que lhe, chamar no rádio? Ele voltou-se para a supervisora de RH e disse: Tá vendo? Não tem jeito de conversar, ele não aceita as coisas! Eu disse: você quer que eu aceite isso? A supervisora disse: você tem que aceitar! Eu disse, como que eu posso aceitar um absurdo desses? Ficam nessa...o problema é seu, o azar é seu. (Entrevista, 2010)*

As medidas punitivas adotadas pela empresa contribuíram para que a sua chefia se tornasse distante e, muitas vezes, sem abertura para diálogo:

*“... eu tomei advertência, porque um profissional que estava comigo, pegou o carro e não estava autorizado. Eu falei: vamos resolver essa situação, eu pego o outro carro e você vai comigo. Eu não queria perder tempo no horário de serviço. Só que pegaram o meu nome ao invés do dele. O gerente disse que eu estava sendo advertido. Eu perguntei o porquê e ele não quis me explicar, falou que o problema era meu. Disse que eu tinha o direito de entrar com recurso e que eu poderia fazer o que eu quisesse.” (Entrevista, 2010)*

A sensação de isolamento, de não se sentir reconhecido no seu ambiente de trabalho e o relacionamento conflitante e distante com o chefe direto, são aspectos enfatizados por ele que chega a citar situações muito injustas: *“Teve uma vez que fiquei de atestado três dias, devido à hérnia de disco na coluna. Assim que voltei, eles me mandaram para rua. Falei que estava com dores na costa. Eles ironicamente disseram: ficar em pé no cruzamento, é bom, porque sua coluna vai melhorar.” (Entrevista, 2010)*

As regras institucionais, capazes de munir os chefes de instrumentos punitivos, se mostram, na prática, ineficazes e altamente desagregadoras, trazendo, na maioria das vezes, prejuízos aos funcionários e conseqüentemente à própria instituição: “... tudo que é positivo, eles vão cortando para nos punir. A última agora foi que eles baixaram que se sua folga cair no feriado, você perde. Aquela coisa da pressão, tudo lá é tirando nossos direitos”. (Entrevista, 2010). Assim, os exemplos são inúmeros de situações em que José se percebe como vítima de injustiças:

*Quando eu estava de licença médica, teve o plano de cargos e salários, que dava 5% de aumento para quem tem curso superior. Eu levei a documentação e a assistente social disse que como eu estava de licença, era para solicitar quando eu retornasse e que ia ser pago o valor retroativo. Quando eu voltei, eles falaram que eu perdi o prazo. Eu disse o que a assistente social tinha me dito e eles falaram que ela errou. Falei com o Gerente de Pessoal e ele me disse que sabia que eu estava certo, mas se eu quisesse era para entrar na justiça e que eles não estavam nem aí para mim! (Entrevista, 2010)*

Ao falar sobre o sentido desse trabalho, José disse de forma enfática que este representa punição e perda de tempo. Procura cumprir seus horários, bater o cartão e evita se envolver com as pessoas e situações. Não pede demissão por causa dos filhos, principalmente, com relação ao plano de saúde:

*“... poderia estar fazendo um milhão de outras coisas, ajudando em outras situações e estou perdendo tempo. Junto com pessoas que não tem a mínima sensibilidade, dentro de uma empresa que não sabe o que quer, com gente que tá apenas pensando no seu lado. Os meus colegas de trabalho estão cada um por si.” (Entrevista, 2010)*

A imagem que a população tem dos fiscais, gera também incômodo em José. Ele ouve comentários na maioria das vezes negativos, de que são ruins, errados, “carrascos”. Coloca que não são reconhecidos pelas pessoas em geral e compara a profissão de fiscal ao mito de Sísifo<sup>12</sup>:

*Tem outra questão que é a imagem de ser fiscal da BHTRANS, todo lugar que a gente chega, ouve comentários. Uma reciprocidade negativa que a gente tem com a sociedade. A ideia de que o errado que está certo. Você liga o rádio o povo está falando mal, você liga a TV o povo está falando mal. É uma situação em que você é o carrasco, você que é o ruim, você que está errado. Parece com o mito de Sísifo. Você vê que ninguém resolve nada. (Entrevista, 2010)*

Assim que ingressou na empresa, José manifestou o desejo de trabalhar na Gerência de Educação. Por ser pedagogo, acreditava que suas atividades estavam mais próximas da sua

---

<sup>12</sup> Trata-se de uma personagem da mitologia grega, condenada a repetir sempre a mesma tarefa de empurrar uma pedra de uma montanha até o topo, só para vê-la rolar para baixo novamente.

área de formação e gostaria de desenvolver projetos na área de Educação no Trânsito. Percebeu na empresa que essa área encontrava-se carente de informações e ações. Inclusive, já escreveu alguns artigos sobre o assunto. Ao solicitar aos responsáveis a mudança de área, foi informado que nessa gerência não havia fiscais de trânsito. No entanto, ele sabe da existência de fiscais no setor, concluindo que a empresa é que tenta impedi-lo de crescer profissionalmente: “... na BHTRANS você é podado em todas suas chances de crescimento... situação igual dos saltimbancos. Lá a gente é desprezado, são os engenheiros que comandam.”. (Entrevista, 2010)

## 2.6 A relação entre as drogas e o trabalho

Embora já fizesse uso de drogas antes de entrar para a BHTRANS, José relata uma intensificação desse uso após iniciar suas atividades nessa empresa. Ele atribuiu isso às frustrações com seu trabalho e ao fato de se sentir alienado e incapaz de romper com o sistema. As drogas lhe serviam de apoio, permitindo-lhe fugir da realidade. O fato de estar trabalhando em um local que não lhe dava oportunidades de crescimento profissional e nem chances de realizar atividades com as quais se identificava, gerou frustração. Recorria ao álcool e à maconha, pois, dessa forma, conseguia relaxar, extravasar seus sentimentos, mudar o humor, aumentar a percepção e ter mais ideias. Seu trabalho não o permitia criar, em função de ter uma rotina rígida. Com isso, seu desejo de se realizar era reprimido, restando-lhe recorrer aos efeitos das drogas para obter um mínimo de satisfação, e, às vezes, sentimento de utilidade:

*Usava por causa da frustração, funcionava como fuga. Você fica alienado ao querer fazer as coisas e as pessoas ir te podando. O álcool me relaxava e eu podia colocar toda a frustração para fora. Comecei a frequentar um bar e fiz amizades com o pessoal e agia como analista. Tinha uma mulher que eu ajudei a resolver os seus problemas. Sentia-me útil ao poder fazer uma coisa que eu tinha vontade de trabalhar.* (Entrevista, 2010)

Em 2004, ele fumava maconha todos os dias antes de ir trabalhar para chegar relaxado e conseguir enfrentar as situações de frustração vivenciadas no trabalho. Naquele ano, ficou sete meses afastado por estresse, sendo necessário fazer uso de medicamentos. Começou a utilizar os medicamentos como drogas, sendo que em uma ocasião, ingeriu uma caixa de

Rivotril<sup>13</sup> com cerveja. Entrou em coma e acordou no hospital. Depois desse episódio, percebeu que a maconha tinha um efeito parecido com o Rivotril, além de aumentar sua capacidade imaginativa. Sendo assim, aumentou o consumo da droga e diminuiu, por conta própria, o do medicamento.

José queria sair da empresa, pois a insatisfação foi piorando e, para isso, tentou outros concursos. Sentia-se angustiado com a possibilidade de completar dez anos na empresa, pois isso representava para ele um sentimento de estagnação. Começou a ter sintomas depressivos, de estresse e aumentou o uso de drogas.

*O uso de substância química piorou muito depois que eu entrei na BHTRANS, foi só aumentando. O quadro depressivo também só aconteceu depois que fui trabalhar lá e começou com a certeza de que eu iria ficar ali a vida inteira, mesmo querendo sair. Como se fosse o meu carma ficar ali. Desde 2002, que estava tentando sair e tudo que eu fazia dava errado. Fiz o concurso da policia rodoviária e, no dia da prova, estava com muita dor nas costas e eu não consegui concentrar em nada. Nos anos de 2006, 2007 e 2008 foram onde que eu mais utilizei as drogas acredito que foi porque queria sair da BHTRANS e via que não passava em concursos e, por outro lado, as expectativas aumentaram demais com a pós, o mestrado. Uma oportunidade para sair da BHTRANS. Gerou muita ansiedade. Eu não queria fazer 10 anos de BHTRANS, achava isso um absurdo! (Entrevista, 2010)*

Em 2008, ele começou a beber também no horário de serviço. Sentia dores de cabeça diariamente e relata que, na segunda cerveja, o incômodo da dor desaparecia e o humor alterava para um estado de euforia. Às dez da noite, quando ia buscar o carro no estacionamento, comprava cervejas, bebia e às 23h ia bater o ponto. Estava vivenciando situações de muito *estresse* tanto no âmbito familiar, pois estava separado, como no profissional, pois não conseguia realizar outras atividades. Não suportava mais trabalhar como fiscal de trânsito. “... Lá se você nasceu para ser fiscal você vai morrer fiscal. Não tem jeito pronto e acabou...”. Ficou um ano de licença, com diagnóstico de depressão e *estresse*. “... o médico olhava para mim e já renovava a licença.” Entretanto, o relatório do médico do trabalho expõe que os motivos de sua doença eram apenas particulares e que a empresa não era responsável, pois o trabalho era saudável. (Entrevista, 2010)

José afirma que, em 2006, a BHTRANS contratou uma profissional para dar treinamento sobre direitos humanos e a instrutora ficou surpresa ao saber que a jornada de trabalho era

---

<sup>13</sup> O Rivotril é um tranqüilizante do grupo dos benzodiazepínicos. É eficaz para o controle da Fobia Social, do Distúrbio do Pânico, das formas de ansiedade generalizadas.

integral, pois, segundo ela, seria desumano ficarem 08 horas envolvidos com as questões de trânsito.

Como não foi aprovado nos concursos que tentou para escapar do trabalho da BHTRANS, ele resolveu fazer a pós-graduação em Educação Tecnológica no CEFET-MG, onde foi aprovado para o mestrado, em 2008. Ao solicitar licença na empresa para cursar o mestrado, não conseguiu. Porém, estava de licença médica nesse ano e conseguiu cursar as disciplinas.

Relata que foi uma fase muito difícil, pois as consequências do uso de drogas, somadas às situações de *estresse* e depressão, diminuíram sensivelmente sua capacidade produtiva e de elaboração de textos. No início, conseguiu até publicar dois artigos, mas a situação foi se complicando e chegou um momento em que não conseguia fazer mais nada.

Em 2009, resolveu fazer o tratamento na Terra da Sobriedade, no período de fevereiro a julho do mesmo ano, interrompendo temporariamente o mestrado. Ao retomar suas atividades do trabalho e do mestrado, conversou com seu gerente dizendo que precisava utilizar os dias que tinha no seu banco de horas para concluir sua dissertação. Mas, segundo ele, fracassou e recebeu uma recusa sem explicação. Com isso, perdeu o prazo para a entrega da dissertação. Irá fazer nova seleção em 2011 para o mestrado apenas para defender sua dissertação.

*Quando estava faltando uma semana para eu entregar o projeto de pesquisa, o supervisor me falou que eu não tinha mais nenhum direito; que eu combinei foi com o gerente que estava de férias e, como ele assumiu, ele não ia autorizar. Disse que eu estava tendo muitas regalias. Perdi o mestrado, por causa do prazo. Ele cortou tudo! Foi aquela coisa de despeito... o dia que eu precisei ir à aula, ele queria cortar meu dia, dizendo que eu não tinha direito. Aquela história...você está tendo muitas regalias, nós estamos aqui é para trabalhar e não para fazer mestrado. (Entrevista, 2010)*

Atualmente, José encontra-se trabalhando e sem fazer uso de substâncias químicas e álcool há mais de um ano, tendo por objetivo a conclusão do mestrado. Mas para isso irá solicitar uma licença não remunerada e está buscando alternativas de renda, como trabalho com consultorias, ministrar aulas, etc. Ao longo do tempo, principalmente, após o trabalho realizado na Terra da Sobriedade, conseguiu se distanciar e não se envolver com a forma da organização do trabalho. Ele continua cumprindo suas tarefas sem expectativas de reconhecimento e desenvolvimento de suas potencialidades.

## CAPITULO II

### 3. ANÁLISE DO CASO

José teve que renunciar a seus projetos pessoais em função da estabilidade do emprego. Ao ingressar em um trabalho para o qual não possuía afinidades e ao se deparar com as condições e a organização que eram rígidas, impostas e que não criava oportunidades de desenvolver seu potencial, sentiu-se frustrado, incapaz e não conseguiu criar um sentido para o trabalho: “... *poderia estar fazendo um milhão de outras coisas, ajudando em outras situações e estou perdendo tempo.*” (Entrevista, 2010)

Segundo Fontaine (2006) *citado por* Lima (2010) as condições e a organização do trabalho podem criar condições de:

estresse ligado à atividade profissional, decorrente de um desinteresse pelo trabalho efetuado, do fato de exercer uma atividade insuportável – tanto física quanto psicologicamente – da sensação de ‘perder sua vida ao ganhá-la’, sendo o trabalho percebido como um entrave ao desenvolvimento pessoal.(p. 31)

Embora o emprego público ofereça maior estabilidade e muitas vezes uma rotina mais flexível, além de maior autonomia na execução das tarefas, frequentemente o servidor público se vê impedido de realizar atividades com sentido e tolhido no seu poder de agir em função da rigidez burocrática. A exposição prolongada a essas situações gera além do sofrimento psíquico uma ruptura com a identidade pessoal e profissional que o trabalho deveria proporcionar. Segundo Lancman et al (2007):

Apesar de vivenciarem relações menos instáveis de trabalho (menor exposição ao risco de demissão sumária), os profissionais do setor público estão expostos a outras formas de instabilidade e precarização do trabalho, tais como: privatização de empresas públicas seguidas de demissões, terceirização de setores dentro da empresa, deterioração das condições de trabalho e da imagem do trabalhador do serviço público, e responsabilização deles pelas deficiências dos serviços e por possíveis crises das instituições públicas etc. Estão, ainda, expostos às instabilidades geradas por oscilações políticas e de planejamento, que geram descontinuidade de projetos em curso; alterações na qualidade e quantidade da demanda pelos serviços ofertados; acúmulo de funções, mudanças na organização do trabalho ou na natureza das ações de atenção, que se choca com o sentido e as crenças que os trabalhadores têm em relação ao desenvolvimento do seu trabalho. (...) Estas formas de instabilidade e de precarização expõem os trabalhadores a um intenso sofrimento, pela dificuldade em constituir uma narrativa pessoal e profissional (Sennett, 1999) – que dá sentido e coerência ao seu trabalho e que os protege social e psiquicamente. (p.83)

José, há 10 anos funcionário público, aumentou o uso de substâncias químicas, como foi relatado anteriormente, devido ao fato de estar exposto a uma organização do trabalho que não vinha ao encontro dos seus anseios, conhecimentos e habilidades, principalmente, devido à sua formação acadêmica e expectativas de carreira. A exposição prolongada a esse sofrimento psíquico aliada ao empobrecimento da tarefa executada e à ausência de reconhecimento profissional contribuiu de forma significativa para a piora da sua dependência química.

Lima (2010) mostra de uma maneira bastante clara a utilização de psicotrópicos para aliviar a pressão sofrida pelo sujeito no contexto de trabalho, tomando por base a pesquisa realizada por Fontaine (2006) sobre esse tema:

É possível entender, então, o uso de medicamentos e psicotrópicos como uma prática de “modificação dos estados de consciência” não exatamente voltada para a obtenção do prazer, mas para aliviar a carga da responsabilidade que se torna demasiadamente pesada (p. 32).

Assim, quando se trata do consumo dessas substâncias nos contextos de trabalho, Fontaine (2006, op. cit.) observa com frequência uma representação do próprio corpo como: um veículo, ao mesmo tempo portador da imagem social, transmissor de moléculas químicas destinadas a modificar o espírito, a consciência, produtor da força de trabalho e depositário dos riscos assumidos e dos danos sofridos durante toda a vida. (p. 33)

O uso de substâncias químicas por parte de José, em um primeiro momento no contexto laboral, pode ser visto como um uso funcional, uma ferramenta utilizada por ele para lidar com a rigidez do seu trabalho. Com isso, suas capacidades intelectual, criativa e emocional ficaram impedidas de serem aproveitadas, reconhecidas e incorporadas no trabalho. Lima (2010) constatou isso, a partir das pesquisas de Fontaine, dizendo que a pesquisadora francesa demonstrou que

*(...) o recurso aos psicotrópicos é percebido, às vezes, como uma solução eficaz para suportar as exigências impostas pelo trabalho, sendo que sua ação, descrita sob esse prisma, concerne a três tipos de efeitos estreitamente interligados: a desinibição, ‘que pode se revelar útil no quadro profissional, no sentido em que proporciona certa euforia, uma maior facilidade para comunicar, uma tendência a exteriorizar as emoções e uma maior confiança em si mesmo’; em seguida, o fato de que ‘todas as drogas têm em comum, ainda que em intensidades diversas, a faculdade de alterar a noção do tempo’, permitindo a sensação de ‘não ver o tempo passar’; finalmente, o papel importante que têm sobre a concentração, já que permitem um desligamento dos estímulos externos, ainda que isto envolva sempre o risco de o sujeito ser ‘absorvido pelo seu mundo interior’ (id. pp. 37-38).*

José sempre teve interesses múltiplos, estudando vários temas, visto que ingressou nos cursos de oceanografia, psicologia, pedagogia, além de ter entrado para um grupo de pesquisa sobre extraterrestres. Sua mãe sempre privilegiou os estudos dos filhos permitindo que só depois trabalhassem. Assim José construiu sua narrativa pessoal buscando avidamente por conhecimentos e acredita que para ser reconhecido e valorizado, precisa expor suas ideias e colocar em prática seus aprendizados. Ao se deparar com um trabalho onde não tinha afinidades e com o empobrecimento de suas atividades, pois era obrigado a seguir o prescrito, sentiu-se incapaz, desvalorizado e houve um aumento significativo no consumo de drogas:

*Usava por causa da frustração, funcionava como fuga. Você fica alienado ao querer fazer as coisas e as pessoas ir te podando O álcool me relaxava e eu podia colocar toda a frustração para fora. Comecei a frequentar um bar e fiz amizades com o pessoal e agia como analista. Tinha uma mulher que eu ajudei a resolver os seus problemas. Sentia-me útil ao poder fazer uma coisa que eu tinha vontade de trabalhar. (Entrevista, 2010)*

Nesse sentido podemos dizer que o álcool funcionou com uma ferramenta para José lidar com sua frustração, caracterizando o que chamamos de uso funcional das drogas. Sobre isso Lima (2010) explica que:

Além das chamadas drogas ilícitas, o álcool é bastante usado nos contextos de trabalho, sendo este um tema sobre o qual os pesquisadores têm se dedicado mais, explicitando algumas de suas “funções”. Observa-se que essa substância pode representar também um recurso essencial para que o trabalhador suporte as exigências impostas pela sua atividade, podendo ser vista como uma verdadeira ferramenta de trabalho. Dessa forma, o álcool pode ser usado como um recurso: para reduzir o sentimento de impotência diante de uma organização rígida de trabalho (...) (p.265)

Sua frustração tornou-se cada vez mais evidente ao ponto de perder o prazo para entrega da dissertação por falta de liberação de sua chefia. Sem contar as várias punições e advertências sem explicação plausível. A empresa, conforme seu relato, mostrou-se rígida, apegada a normas e muitas vezes injusta ao não considerar o trabalhador como um sujeito capaz de ser autônomo e ter o direito de expressar suas ideias, opiniões. Em muitas ocasiões não houve espaço para uma negociação e nem para uma escuta ativa dos trabalhadores sobre as condições do trabalho. Não havia espaço para a transformação de vivências individuais e coletivas.

Outra questão que precisamos levar em conta é o trabalho de fiscal de transporte e trânsito, que passa a maior parte de sua jornada de trabalho em local aberto e coletivo. Eles se sentem

muitas vezes solitários, uma vez que não tem ninguém para intermediar as situações de conflito, além de estarem expostos a agressões verbais dos usuários. Na pesquisa elaborada por Lancman *et al* (2007), é abordado o trabalho realizado com agentes de trânsito e os impactos na saúde mental:

Parte das atividades dos agentes de trânsito é desenvolvida em espaços coletivos. A natureza do serviço prestado nem sempre agrada aos munícipes (fiscalização, cobrança e restrição do uso do espaço público, emissão de multas etc.). O contato direto com os usuários, por vezes torna esses trabalhadores - na sua maioria mulheres - alvos e anteparo de irritação, insatisfação, revolta e agressões, que estariam, na maior parte das vezes, destinadas às instituições que eles representam.(...) O sentimento de que o alvo das agressões é, sobretudo, o trabalho que desenvolvem e a empresa que representam criam um problema adicional: um conflito identitário entre a importância, legitimidade e credibilidade que atribuem àquilo que fazem, ao esforço despendido para o trabalho, e a falta de reconhecimento social. (p. 81)

José sentiu-se muitas vezes desamparado pela instituição com relação aos conflitos vivenciados, além das pessoas associarem a imagem do fiscal com a imagem da empresa. A maioria dos usuários, não entende que se trata de regras, diretrizes e ordens institucionais e não ações isoladas dos profissionais. Descarregam toda a insatisfação que têm com a empresa, sobre os fiscais. E em contrapartida a empresa não dá assistência e nem mesmo leva a conhecimento público o real papel desses fiscais, de forma que fique mais claro o lugar que ocupam dentro da organização.

Vários foram os fatores que levaram José a intensificar o uso de substâncias químicas e alguns dele está ligada à organização e condições do seu trabalho, conforme expostos anteriormente.

Tudo isso em decorrência do seu sentimento de impotência para lutar contra o sistema, sobretudo, pela ausência de qualquer ação eficaz por parte da empresa no sentido de ajudá-lo. Um exemplo disso foi a avaliação de desempenho que levou em consideração um fato isolado relatado pelo seu chefe. Mesmo com a presença da área de recursos humanos não foi possível qualquer negociação e sua nota final foi baixa. Além de focar apenas nos erros e não nas oportunidades de desenvolvimento do funcionário, a avaliação de desempenho na BHTRANS, dentre outros objetivos, norteia e subsidia as movimentações, transferências e substituições de empregados.

Em um segundo momento, a droga se tornou fonte de sofrimento e dependência, pois sua capacidade de organização do pensamento, laboral, relacionamento interpessoal e familiar

ficaram comprometidos. O relacionamento conjugal veio a romper devido às brigas e desentendimentos diários.

Nesse momento as perdas foram maiores do que os ganhos que a sensação da droga proporcionava. Vieram à tona os sentimentos de perda, de perseguição e punição: a perda do pai na infância, o abandono da mãe, o desenho que o colega de escola copiou, seu projeto apresentado na empresa por outro colega, as interrupções nos cursos superiores, o fato de não passar em outros concursos, a não conclusão do mestrado, dentre outros.

Pode-se dizer que esses sentimentos contribuíram para a manutenção de seu vício, que degradou sua auto-estima, refletindo no ambiente de trabalho. Segundo Clot (2001) “*o trabalho deserta da sua função psicológica para os sujeitos quando o ofício se perde – ou não é mais buscado-, quando ele se confunde com a execução de procedimentos (...).*” Essa situação é o que podemos chamar de uso disfuncional das drogas e que Segundo Lima (2010):

Quando isso ocorre nos contextos laborais, o que temos constatado é que, embora a substância, inicialmente, apresente-se como um recurso para o enfrentamento de certas exigências do trabalho, pouco a pouco, seu uso começa a acarretar novos problemas no próprio trabalho, tais como punições, transferências compulsórias, rebaixamento de função, imposição de tarefas menos interessantes ou o isolamento puro e simples do trabalhador. Tudo indica que, nesses casos, o uso continuado da substância acaba por torná-la disfuncional na medida em que, ao invés de se constituir como um auxílio ou uma ferramenta, ela passa a ser um empecilho para a realização das atividades. (p. 266)

Durante o tratamento, José percebeu que aumentou o uso de droga para dar conta das limitações de seu trabalho, pois a todo o momento era impedido de colocar suas ideias em prática e de ser transferido para um setor que tinha a ver com sua formação acadêmica. Assim sendo, foi capaz de compreender melhor as condições e organização do trabalho e os seus limites de atuação. Ele conta que vai trabalhar tentando se afetar o mínimo possível, pois sabe que é uma condição do sistema mantê-lo na função para qual prestou concurso.

Atualmente, José parece estar reconstruindo sua identidade, retomando novos projetos que vêm ao encontro dos seus valores, conhecimentos e formação acadêmica. Ele acredita que ao retomar os estudos será possível redirecionar sua carreira e construir um novo sentido e significado para o trabalho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nosso entender, seria um equívoco ter a pretensão de compreender uma questão complexa, como é o caso da dependência química e trabalho, baseados apenas em um estudo de caso. Em primeiro lugar, porque esse tema é causa de polêmica e controvérsia e, em segundo, porque temos uma limitação de pesquisas nessa área. No Brasil, há pouquíssimo material divulgado acerca desse tema, e através dessa monografia pretendemos abrir espaço para novos estudos e pesquisas nesse campo.

Para realizar este estudo, seguimos a proposta metodológica de Le Guillant (2006), que consiste em relacionar o trabalho com toda trajetória do sujeito, procurando identificar os mediadores existentes entre os dados do cotidiano do indivíduo e os aspectos ligados à sua subjetividade.

Esse método visa compreender a história familiar, os valores, o modo do sujeito conduzir sua vida, seu olhar sobre o trabalho e as condições e organizações da empresa que trabalha. Foi possível perceber o empobrecimento de suas atividades diante de suas expectativas, afetando seu engajamento, culminando na perda do sentido de seu trabalho e conseqüentemente no agravamento da sua dependência química.

Conseguimos evidenciar neste estudo a função psicológica do trabalho na vida do sujeito, revelando que, com a perda do significado do trabalho, ocorre o sofrimento psíquico, sendo que a exposição prolongada a esse sofrimento é um dos fatores que levam ao adoecimento. No caso estudado por nós, observamos que as frustrações, os impedimentos do poder de agir, as punições, as regras rígidas e a falta de espaço onde o sujeito pudesse se sentir útil e realizado, levou-o a consumir mais substâncias químicas e álcool na tentativa de lidar com esse sofrimento, culminando no agravamento da dependência e posterior necessidade de busca de tratamento.

O caso estudado ilustra, portanto, o aumento progressivo do uso de drogas em um contexto de trabalho, revelando que a relação com atividade laboral não pode ser negada. Foi possível evidenciar o uso funcional e disfuncional das drogas, assim definido por Lima (2010):

(...) no primeiro, esta (a droga) é usada como uma “ferramenta” de trabalho, sem acarretar prejuízos para sua realização e, no segundo, ocorre uma mudança no padrão de consumo, afetando gravemente o desempenho profissional. Na passagem entre o uso funcional e o uso disfuncional, a droga deixa de ser um meio para se tornar um fim em si mesmo e, embora isso não ocorra com a maioria dos usuários, a conclusão é a de que, mesmo no uso funcional, a relação do sujeito com sua atividade é basicamente adaptativa, não podendo, portanto, ser considerada como saudável. (p. 260)

Finalmente, estamos cientes das limitações deste estudo, sendo talvez a primeira delas o fato de não ser possível generalizar seus resultados, já que sua base foi apenas um estudo de caso. No entanto, acreditamos que aquilo que perdemos em poder de generalização, ganhamos em profundidade uma vez que o aprofundamento em um caso particular permite o acesso a mediadores importantes entre o exercício da atividade profissional e o uso de drogas, podendo oferecer elementos essenciais para se pensar na prevenção desse grave problema.

**REFERÊNCIAS<sup>14</sup>**

- Albornoz, S. (1986) *O que é trabalho* (6a ed.). São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos).
- Ciampa, A. C. (1989) Identidade. In: LANE, S. & CODO, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Clot, Y. (2001) Clínica do trabalho, clínica do real. (K. Santorum & S. L. Barker, trads.). *Le Journal des Psychologues*, 185, 48-51.
- Clot, Y. (2006) *A função psicológica do trabalho*. (A. Sobral, trad.). São Paulo: Vozes.
- Correa, D. A. et al. (2006) *Qualidade de vida e ocorrência da adição química no local de trabalho: um estudo de caso numa empresa de mecânica reparadora*. In 13 SIMPEP. Bauru, SP.
- Jaques, M. G. C. (1997) Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In W. Codo (Org.), *Trabalho, Organizações e Cultura* (pp.41-46). São Paulo: Cooperativa de Autores Associados.
- Lancman, S. et al. (2007) O trabalho na rua e a exposição à violência no trabalho: um estudo com agentes de trânsito. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11 (21), 79-92.
- Le Guillant, L. (2006) O Caso de Marie L. In M.E.A. Lima, (Org.) *Escritos de Louis Le Guillant da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. (M.E.A. Lima, trad.). São Paulo: Vozes.
- Lima, M. E. A. (2002) A questão do método em psicologia do trabalho. In Goulart, I. B. (Org.). *Psicologia Organizacional e do Trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. (pp.123-132). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima, M. E. A. (2008) *Os sentidos trans. histórico e histórico do trabalho e sua importância para o psicólogo*. In: LIMA, Maria Elizabeth Antunes e BARROS, Vanessa Andrade de (Orgs) *Introdução à Psicologia do Trabalho*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Parte I, p. 2-27. Texto elaborado para sala de aula.

---

<sup>14</sup> De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Lima, M. E. A. (2010) Dependência química e trabalho: uso funcional e disfuncional de drogas nos contextos laborais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35 (122), 260-268.
- Mota, V. M. C. & Lima, M. E. A. (2009) O papel das condições de vida e trabalho na gênese de distúrbios mentais: uma abordagem pluridimensional. In: 13º Colóquio Internacional de Psicologia e Sociologia Clínica. Recuperado em 06 de dezembro de 2010, de [http://www.fafich.ufmg.br/coloquioenriquez/tcompletos/38/Texto\\_completo\\_2%20definitivo.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/coloquioenriquez/tcompletos/38/Texto_completo_2%20definitivo.pdf).